2.° Anno — Lisboa, 7 de Dezembro de 1885 — Numero 21

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

O REI D. AFFONSO XII E A RAINHA REGENTE DE HESPANHA, D. CHRISTINA

CHRONICA

Segundo a phrase pittoresca d'um defunto estadista canonico, anda alguma coisa no ar, muito pavorosa e muito sinistra, a querer por força desabar-nos em cima com o estrondo das grandes calamidades inesperadas.

Não sei ao certó o que é, mas anda, agita-se, sente-se, paira nas neblinas densas que ha dias nos envolvem com o seu veu de gaze gelado; gira pelo espaço, de camaradagem com uns pedaços incandescentes de ceu velho, que ahi se contemplam á noite, em fórma de estrellas luminosas e fugazes.

Não póde ser debalde que os nevoeiros londrinos vieram até cá, enregelar-nos com a frieza cadaverica dos seus beijos nocturnos, e que as estrellas errantes chovem das alturas pardacentas, bailando em dança macabra lá em cima, como almas penadas expulsas do Paraizo.

O vulgo supersticioso e crente vê em cada uma d'essas neblinas um enguiço, e em cada um d'esses corpusculos igneos a guarda avançada d'uma desgraça enorme. Se lhe perguntarem em que funda a crendice, não o saberá dizer, porque estes presentimentos da alma popular não teem explicação possivel, mas o certo é que vae por deante na sua prophecia sinistra, rindo-se da phisica, que lhe falla de condensações de vapores, e dos metereologos, que lhe desfiam theorias estravagantes ácerca dos phenomenos sideraes.

Seja por o que fôr—por um estranho e inexplicavel acaso, sem duvida—o vulgo acerta ás vezes nas suas predicções lugubres; tem o condão de adivinhar; lê nos astros como as ciganas lêem nas linhas caprichosas da mão; decifra em cada estrella a ameaça d'uma hecatombe; em cada aerolitho cadente o annuncio d'um infortunio; em cada bolido que sulca o espaço a promessa de um acontecimento extraordinario e imprevisto.

Zombou da prophecia do vulgo anonymo a Hespanha pensadora e illustrada. A crendice do populacho irresponsavel e analphabeto vira, na chuva d'estrellas de novembro ultimo, o aviso d'uma grande calamidade. Correu de bocca em bocca a voz d'alarma: «o rei está enfermo, o rei vae morrer!» E a despeito do rir zombeteiro dos descrentes, dos philosophos, dos que explicam todos os factos e todos os phenomenos á face das leis immutaveis da sciencia, o rei escondeu-se para sempre sob as frias abobadas do Escorial, ferido de morte; o sceptro da realeza viril d'Affonso XII cahiu inopinadamente nas mãosinhas franzinas e delicadas d'uma creança, passando pelas mãos tremulas e fracas d'uma viuva lacrimosa!

Eu tive o cuidado de chamar acasos a estas estranhas coincidencias, para que me não acoimassem de visionario tumba e de Bandarra agoirento; mas, em verdade, ha uns acasos bem tristes, que nos induzem a reflectir, umas coincidencias bem extraordinarias, que nos incitam, mau grado nosso, a acatar respeitosamente essas crendices, para muitos irrisorias, da populaça supersticiosa.

Louvado Deus, cá por casa nem o rei enfermou de doença assustadora, nem pelos atrios do regio alcaçar echoam tetricas prophecias de morte proxima. Está tudo vivo e são, vigoroso e forte. Se, um dia, a coroa resplendente do monarcha tiver de resvalar das alturas do throno, não chegará a cair sobre a alcatifa empoeirada dos degraos. Veremos, a amparal-a na queda, uma fronte varonil, onde está impresso o sello da virilidade.

O problema da successão, problema facil, resolver-se-ha, é certo, por entre lagrimas de luto e de saudade, mas não ha de custar-nos pugilatos tremendos, nem morticinios, nem hecatombes sangrentas.

O que é, então, que nos assusta, se por este lado não ha absolutamente nada que possa inquietar-nos? Eu sei! Talvez o indifferentismo da politica indigena; talvez o *laisser aller* que ahi se nota em todos os campos; a frieza com que se olha para todas as coisas sérias, as de fóra e as de casa; o «não se me dá» com que, entre nós, é costume ver desenrolarem-se os acontecimentos graves do mundo politico exterior; essa especie de imbecilidade que nos leva a julgar perpetuamente circumscriptas aos paizes proximos ou distantes as conflagrações queos ameaçam, que os agitam e esphacelam.

Entretidos com a eleição municipal, com a eleição senatorial, com dezenas de eleições para tudo e a proposito de tudo, pois que a eleição, no nosso meio, é um *modus vivendi*, um vicio, uma embriaguez, um delirio, não queremos saber do que occorre paredes meias comnosco; não pensamos, nem ao de leve, nas consequencias que para nós podem advir da morte de um rei na peninsula.

Eleja-se a vereação de um novo municipio, boa ou má, isso pouco importa; forjem-se novos pares; arranje-se commodamente a vidinha, e o resto é coisa que não provoca inquietações nem temores. Como o cholera não veiu, nada mais poderá vir, de molde a oncher-nos de receios e sustos. Está escripto que vivamos até á consumação dos seculos uma doce vida de paz octaviana, e havemos de vivel-a: assim o diz o povo na sua inconsciencia de ignorante; assim o repete o senado, do alto da sua velhice doentia. — Feliz povo, feliz senado!

Ora isto, que não é positivamente uma chronica, embora queira parecel-o, está tambem muito longe de ser um artigo do fundo. E como de facto o está, e não corre azado o tempo para que a gente gaste a sua prosa em fallar de coisas tristes, tentarei apontar-te, prezadissima leitora, ao correr d'esta minha penna buliçosa, os factos alegres mais importantes que bordaram a semana finda, uma semana fria e nevoenta como os olhos de um morto.

Primeira novidade: —Appareceu-nos o exercito armado nas ruas. Aspirantes lilliputianos e alferes microscopicos arrastam agora, pelo *trottoir*, espadalhões pezados e incommensuraveis, parecendo antes que as espadas os arrastam a elles, em carreira doida e vertiginosa.

Segunda novidade: — Estreiou-se o grande Masini, nos *Huguenotes*. A critica appellida-o, com justiça, o primeiro tenor da Europa. O dilettantismo feminino chama-lhe, com rasão, o tenor mais feio da scena lyrica. Uma e outro dizem a verdade, applaudindo ambos o artista genial, apezar da sua desformosura, como teem applaudido sempre a Borghi, a despeito do seu nariz.

Terceira novidade:—Agradou no Colyseu a *troupe* brazileira. Não traz papagaios fallantes, nem coisa que se pareça, como era de presumir, mas exhibe-nos uma formosissima mulher, loira, elegante, e avantajada de formas, que promette suspender pelos dentes um canhão de dez arrobas. Se a brazileira fosse brazileira a valer, diriamos, desde já, que as taes dez arrobas eram... fracas; mas a supra dita *brazileira* loira é... uma italiana.

Quarta e ultima novidade: —Realisou-se a eleição de pares, sem que ninguem desse por tal. De pé para a mão, appareceram feitos senadores, e condes *in nomine*, e grandes do reino varios felizes, e de pé para a mão, tambem, finda a legislatura, hão de ver sumir-se diante de si os condados, as grandezas, e os arminhos do pariato.—*Sic transit gloria mundi!*

CASIMIRO DANTAS.

HISTORIA DA LEGIÃO PORTUGUEZA

A CAMPANHA DE AUSTRIA

A meia brigada portugueza de infanteria, formada com as companhias escolhidas da legião, compunha-se, como dissemos, de tres batalhões, dois de granadeiros e um de caçadores. Commandava-a o coronel Pego; os chefes de batalhão de granadeiros eram Candido José Xavier e Balthazar Ferreira, e o chefe do batalhão de caçadores Francisco Stuart. O brigadeiro D. José Carcome metteu empenhos para poder marchar com a meia brigada, e foi-lhe isso concedido; mas Napoleão parece que reconheceu o pouco valor militar d'este official, e não lhe quiz dar o commando de uma brigada; como, ao mesmo tempo, não queria dar o commando immediato dos Portuguezes a um general francez, ordenou que a meia brigada portugueza, que recebeu o numero 13, militasse com certa independencia no corpo de exercito do marechal Oudinot, duque de Reggio, a cujo estado maior foi aggregado D. José Carcome, que ali se encontrou com outro brilhante official portuguez, o conde de Sabugal.

E' muito para notar a habilidade do procedimento de Napoleão. Não hesitava, como já o fizera em Saragoça, em dar o commando de tropas francezas a generaes portuguezes, quando tinham o merecimento de Gomes Freire de Andrade; quando eram, porém, como D. José Carcome, que não tinha na sua historia militar senão o triste papel que representára na campanha de 1801, não lhe dava soldados francezes a commandar, mas tambem não entregava a generaes francezes o commando dos Portuguezes, para nem por sombras os melindrar.

Seguiu pois a meia brigada portugueza para a Baviera, onde já estava Oudinot, e logo em seguida foi o general Vallette a Gray, para organisar, pelo mesmo systema que se empregára com a infanteria, dois regimentos escolhidos de cavallaria portugueza.

Cada um d'esses regimentos constava apenas de dois esquadrões. O primeiro era commandado pelo coronel Roberto Ignacio de Aguiar, compunha-se de quatrocentos homens, e os dois esquadrões tinham por chefes o conde de Sabugal e D. José Benedicto de Castro. O 2.º regimento compunha-se apenas de 250 homens, e era commandado pelo marquez de Loulé, com um unico chefe de esquadrão, o capitão David Pinto de Moraes Sarmento. O outro, D. João de Mello, ficou em Gray a completar a remonta.

Seguiremos a cavallaria, e iremos encontrar a infanteria em Wagram. Infelizmente Theotonio Banha, o mais minucioso historiador dos feitos da legião portugueza, pertencia á arma de cavallaria, e quasi só d'ella falla; e Pereira de Mesquita dá a respeito da historia propriamente militar da legião informações muito mais vagas. Sabemos pois apenas que a infanteria foi muito poupada durante a campanha da Baviera, e só entrou em combate sério na vespera e no dia da batalha de Wagram.

Os dois regimentos de cavallaria marcharam por Besançon, Belfort, Strasburgo, Ulm e Augsburgo para Munich. Em Augsburgo a cavallaria do marquez de Loulé recebeu do general Moulin, commandante da praça, ordem de se unir a uma brigada bavara, e de marchar pela estrada de Kauffburgo, afim de bater umas guerrilhas tyrolezas que infestavam aquelles contornos. Não tiveram porém que entrar em combate, e o seu papel então limitou-se a escoltar para Augsburgo um corpo de 300 prisioneiros. Depois seguiram para Passau, atravessaram o Danubio em Inn, e, tendo encontrado pelo caminho grandes levas de prisioneiros que davam seguro testemunho das victorias napoleonicas, chegaram a Vienna oito dias antes da batalha de Wagram.

Ali se reuniu a cavallaria com a infanteria que a precedera e que, nos combates em que entrára, já perdêra 140 homens, e foi então que uns e outros tiveram ensejo de affirmar com brilhantismo a gloria militar do seu paiz.

A situação era grave para Napoleão. A batalha d'Essling não fôra uma verdadeira victoria, e o grande Imperador tomava todas as medidas para que a nova batalha que ia dar fosse um decisivo triumpho. Oudinot recebeu ordem para occupar umas alturas, cuja posse era indispensavel para se dar em boas condições a batalha do dia seguinte. Oudinot ordenou que marchasse ao assalto uma divisão em columna cerrada de meios batalhões. Era a divisão de que fazia parte a meia brigada portugueza. D'esta só marcharam, comtudo, o 2.º e o 3.º batalhão. O archiduque Carlos, porém, comprehendera, tão bem como o seu glorioso adversario, a importancia d'essa posição, e fizera-a defender energicamente. Era ao cair da noite. Os vapores do Danubio formavam um nevoeiro tão denso que tornavam a escuridão completa. A divisão marchava em passo accelerado, e subia a encosta aos gritos de *Vive l'empereur*, quando de subito duas baterias austriacas, que dominavam a altura disputada, e que a escuridão mascarára até ahi, rompeu n'um fogo horroroso, fazendo chover sobre os Francezes um diluvio de metralha. Surprehendidos por estas descargas inesperadas, os Francezes hesitam um momento, recuam e debandam. E' n'esse momento que triumpha a tenacidade portugueza.

O valente coronel Pego brada: Firmes! Balthazar Ferreira, Francisco Stuart gritam para os seus soldados n'esta boa lingua portugueza que era já por si como que a invocação da patria ausente: Para deante, rapazes! E os quatro meios batalhões portuguezes, no meio do destroço completo dos outros, continúam intrepidamente a sua marcha.

A sua apparição no alto do monticulo foi tão inesperada para os Austriacos como o fogo das baterias austriacas para os Francezes. Não resistiram um momento a esse ataque imprevisto, e um ajudante de campo, que o marechal Berthier, cheio de cuidado, mandára saber o que ali se passava, encontrou com grande surpreza sua dois batalhões portuguezes senhores da posição e os batalhões francezes fugindo em debandada.

Os Austriacos tentaram retomar o monticulo,—mas a divisão, envergonhada pelo que succedera, veiu reunir-se aos nossos batalhões, e ficou senhora do outeiro.

Este facto foi contado pelo proprio ajudante de Berthier, em carta que escreveu a pessoa de sua familia. O general Foy a elle se refere na *Historia da guerra da Peninsula*, quando diz: *Dois batalhões cobriram-se de gloria na vespera e no dia da batalha de Wagram.* O proprio Napoleão a isso alludia, quando depois da guerra, n'uma audiencia diplomatica em Fontainebleau, dizia ao conde de Ega: *Senhor conde, não ha na Europa melhores soldados que os portuguezes.*

No dia da batalha de Wagram, Oudinot mandou render os dois batalhões, que, tendo de occupar a posição que tinham tomado, ficariam na reserva, afim de os não privar da honra de tomarem parte no combate. Quando os dois batalhões entraram em linha, o primeiro batalhão, commandado por Candido José Xavier, saúdou-os enthusiasmado, tocando a musica hymnos portuguezes, que encheram de enthusiasmo os nossos valentes soldados.

Como a divisão Oudinot teve uma parte importante na victoria de Wagram, a meia brigada portugueza teve novas occasiões de se distinguir, e tambem de soffrer perdas crueis. Além de sustentar um aturado fogo, deu duas brilhantes cargas de bayoneta; mas as suas perdas foram sensiveis. Na vespera e no dia da batalha perdeu, entre mortos e feridos, 15 officiaes e 440 officiaes inferiores e soldados. Um dos mortos foi o chefe de batalhão Francisco Stuart, e um dos feridos foi Candido José Xavier, que os seus patricios julgaram morto. Effectivamente foi gravemente ferido n'um pé, mas não se quiz retirar para a ambulancia. Era já noite quando lhe mataram o cavallo. Na impossibilidade de se mover, deixou-se ficar no campo de batalha entre os mortos e os feridos, e ali foi encontrado no dia seguinte.

A cavallaria quasi que não teve de entrar na acção. Esteve em linha umas poucas de horas, e a artilheria inimiga assim lhe matou e feriu dez homens. Já quasi no fim da batalha, porém, estando uma brigada de cavallaria austriaca envolta pelos Francezes, veio outra soccorrel-a. Recebida ordem para carregar, a cavallaria portugueza picou as esporas, e desabou com tanto impeto sobre a brigada austriaca que a desorganisou, a ponto que, longe de poder soccorrer a outra, teve de suster a marcha, e, sendo depois envolvida tambem, depoz as armas e ficou prisioneira. A perda da cavallaria portugueza n'essa carga foi de 4 officiaes e de 22 officiaes inferiores e soldados.

Como se vê, a legião portugueza representára n'esta batalha um brilhante papel.

A batalha de Wagram foi a 6 de julho de 1809; no dia 7 occupava o exercito de Napoleão as posições inimigas, e acampava em torno de Vienna, estendendo-se os acantonamentos portuguezes para o lado da Hungria. Viam os nossos soldados ao longe as torres de Presburgo. Napoleão veiu-lhe passar revista, e, depois de preencher os postos vagos, seguindo o systema usado no exercito francez, que era o de se não contarem para a promoção os officiaes ausentes, distribuiu pela infanteria portugueza cincoenta cruzes da Legião de Honra, e pela cavallaria doze—proporção realmente extraordinaria, se nos lembrarmos de que a força da legião, que entrou em campanha, não excedia a dois mil quinhentos e setenta homens. E' sabido que o habito da Legião de Honra dava direito a uma pensão.

Era assim que o grande imperador sabia captivar os soldados que o serviam.

Estava feita a paz. As tropas portuguezas passaram do corpo de exercito do marechal Oudinot para o corpo de exercito do marechal Davout, que fôra feito, no fim d'esta campanha, principe de Eckmühl, e com elle acamparam nas margens do Danubio nas proximidades de Passau. Dois novos batalhões tinham sido organisados em França nos depositos da legião; um, commandado pelo conde de S. Miguel, seguiu para Moguncia e foi d'alli mandado de guarnição para o Hanover; o outro, commandado pelo marquez de Valença, parou na Baviera, e esteve de guarnição em Ratisbonna e em Nuremberg; finalmente o esquadrão de D. João de Mello esteve de guarnição em Augsburgo. Feita a paz, todas estas tropas se reuniram ás que tinham entrado em fogo.

PINHEIRO CHAGAS.

MADRIGAL SENIL

(INEDITO)

Na grega Halicarnasso houve uma fonte
chamada *Salmaciz*. Quem lá bebia
D'amor adoecia,
E, ás vezes, morria.

A tal fonte seccou.

Mas quanto a Natureza é providente
Em preservar a hostil pathologia!

Halicarnasso é hoje uma ruina,
Que o Tempo devastou.
E, como não tem gente,
Nos seus olhos, menina,
A fonte, que nos mata, rebentou.

C. CASTELLO BRANCO.

O ROMANCE DE PAULO

O *pic-nic* correra deliciosamente!

Depois de um grande passeio ao pinhal, precedido de uma pesca, a palestra começou a empallidecer.

O sol, pela sua parte, tambem parecia tremer de frio ao mergulhar na linha azul ferrete do mar.

O vento apertou com a approximação da noute, o desolante e agudo vento das tardes do fim de outubro, quando começam a esboçar-se no horisonte carneiradas de nuvens, desfilando lentamente em um fundo brumoso, tocado de uma melancolia somnolenta e vaga...

Os estomagos, exhaustos de uma longa espectativa, reagiram contra o furor egoista de divertimentos, que os havia esquecido; as conversas principiaram a não ter o mesmo encanto, desde que os appetites, insubmettidos e excitados, adquiriram uma intensidade quasi anthropophaga.

Felizmente, a toalha de linho branco alvejava por entre as heras do caramanchão; as porcellanas, as pratas e os crystaes percutiam-se, frizando uma escala alegre e vivaz, que afagava o ouvido.

O cheiro das iguarias, o vapor morno da sopa, espalharam-se no ar, aromatisando-o.

Uma salva de palmas resoou, á noticia de que o jantar estava servido.

Os homens offereceram o braço ás senhoras, e emquanto o crepusculo desfolhava no poente ondas de rosas, enchendo o ambiente de poesia, d'essa etherea e subtil poesia que constitue o encanto e o desespero de todos os artistas, elles e ellas, assentados em torno da meza, só trataram de encher o estomago.

Dez minutos depois, os homens começaram outra vez a ter espirito, as phrases comicas, de uma alacridade jovial, cruzaram-se atravez do tilintar dos copos, espumantes de vinhos generosos, accendendo-se no crystal nitido com violencias sanguineas e transparencias loiras de ambar diluido.

As faces das senhoras, desbotadas pelo frio e um pouco pela fome, readquiriram o frescor aveludado do pecego maduro.

O scepticismo byroniano de Paulo, que havia cerca de uma hora não dava signal de si, reappareceu logo em seguida ao champagne, disparando epigrammas, recortando phrases espirituosas, divertindo-se em accumular paradoxos ruidosamente alegres, baseados em theorias ligeiramente cynicas.

—Sim, minha senhora, gritou Paulo, agitando no ar um copo de champagne e voltando-se para uma morena de olhos pretos e ramudos, enlevada na gulosa tarefa de chupar um espargo, o amor, tal qual o descrevem os poetas, não existe. O amor ideal é uma bonita mentira, que vossas excellencias, minhas senhoras, inventaram para esconderem uma feia verdade.

Uma trovoada de invectivas caiu sobre a cabeça de Paulo.

Um litterato, inspirado por duas garrafas de Madeira e Porto e pelo olhar azul de uma loira, a quem dedicára um folhetim, escripto *ao luar*, ergueu-se e fez a apologia do amor.

As senhoras bateram palmas.

Veio o café.

—Meus amigos, exclamou Paulo, bebendo segundo copo, as musas, fallando pela bôca do nosso illustre folhetinista, commoveram-me, especialmente n'este momento em que o meu coração se acha em perfeito equilibrio com o meu estomago, mas não me convenceram. Peçam ás senhoras que me permittam contar-lhes uma pequena historia, e depois de ouvil-a, continuem embora a fazer propaganda do amor ideal, mas confessem que eu tenho sobejos motivos para affirmar que elle não passa de uma theoria, falsa na applicação, como a maior parte das theorias.

Fez-se uma roda em torno de Paulo: elle accendeu um charuto, voltou um copo de cognac e fallou assim:

*
* *

—O meu amigo, o protogonista do romance que vou narrar-lhes, concluiu o seu curso na Universidade, e depois de metter na mala a carta de bacharel, partiu para Paris.

Durante os seis mezes que passou em Paris, o doutor, (chamemos-lhe doutor) amou todas as mulheres que encontrou no seu caminho, e gastou na fornalha parisiense, n'essa vida effervescente e devoradora, todos os enthusiasmos da sua alma, todas as sensibilidades do seu coração e todas as libras do seu *porte-monnaie*.

O doutor regressou a Portugal, desilludido, semi-morto, *blasé* e pobre como Job.

N'essa occasião, o morgado do Choupal, um morgado minhoto, tio do doutor, escreveu-lhe, propondo-lhe o casamento com a filha, uma donzella de 16 annos, educada em um convento, dotada em 100 contos de réis, branca, loira e vaporosa como uma virgem do Rheno, coroada de *wergiss mein-nicht*.

O doutor, que professava o sagrado horror do matrimonio, hesitou: a lacuna do *porte monnaie* impellia-o, mas, por outro lado, a celebre phrase de Beaumarchais aterrava-o...

Uma manhã de sol claro e céo azul, cairam-lhe em casa o morgado e a filha.

Maria era encantadora!

Os cabellos loiros desdobravam-se-lhe em ondas doiradas nos hombros delicados, de uma linha hesitante e fragil. Nos olhos, de um azul ethereo, via-se-lhe a alma, carinhosa, limpida e profundamente boa.

A voz musical trinava em volatas de rouxinol nos seus labios frescos, como uma flor de romã.

Fallava pouco, mas cada uma das suas palavras vinha direita ao coração.

O doutor, precocemente envelhecido no vortice dos amores fugazes, despenhados, a grande velocidade, pelo sorvedouro dos gabinetes particulares, sentiu um deslumbramento ao fitar, pela primeira vez, esse astro de candura seraphica, radiante de innocencia e formosura.

Quiz ainda luctar, subtrahir-se á fascinação, arrancar-se ao perigo de um amor serio, epilogado por uma união indissoluvel.

Mas reconheceu, aterrado, que elle, o *blasé*, amava irresistivelmente, que elle, o sceptico, acreditava sem restricções na casta e immaterial pureza, de que ousára duvidar.

Maria operára o milagre.

O olhar azul de uma creança de 16 annos transformára o descrente em um fanatico.

*
* *

Um mez depois, o doutor estava casado.

Quando Maria entrou na egreja, como que suspensa de uma nuvem de tulles e rendas, o loiro fulvo dos cabellos recortando um aureola na transparente alvura do veu nupcial, levantou-se da extremidade das naves, onde os curiosos faziam alas, um murmurio de admiração.

Ella realisava em toda a sua radiosa poesia o ideal da noiva pudibunda, da virgem intemerata, caminhando para o altar, palpitante de indefinidos anceios, sob o olhar apaixonado do noivo.

Logo depois do jantar, os noivos resolveram partir para o Choupal.

O doutor saiu para ir dar umas ordens indispensaveis.

Pouco depois voltou e desceu ao jardim.

A tarde estava encantadora.

As arvores em flor espalhavam no ar effluvios perturbantes.

As borboletas sugavam, adormentadas, os calices velludosos da baunilha: pelos canteiros, as roseiras abriam violentamente, desdobrando ao sol as suas petalas setinosas, distillando fragancias subtis, que punham no ambiente tepido, onde o crepusculo agonisava, uma embriaguez profundamente contagiosa.

O noivo, tremulo de commoção, murmurou o verso do 4.º acto do *Hernani*:

«*La nuit d'été qui nous prêtait ses voiles*»

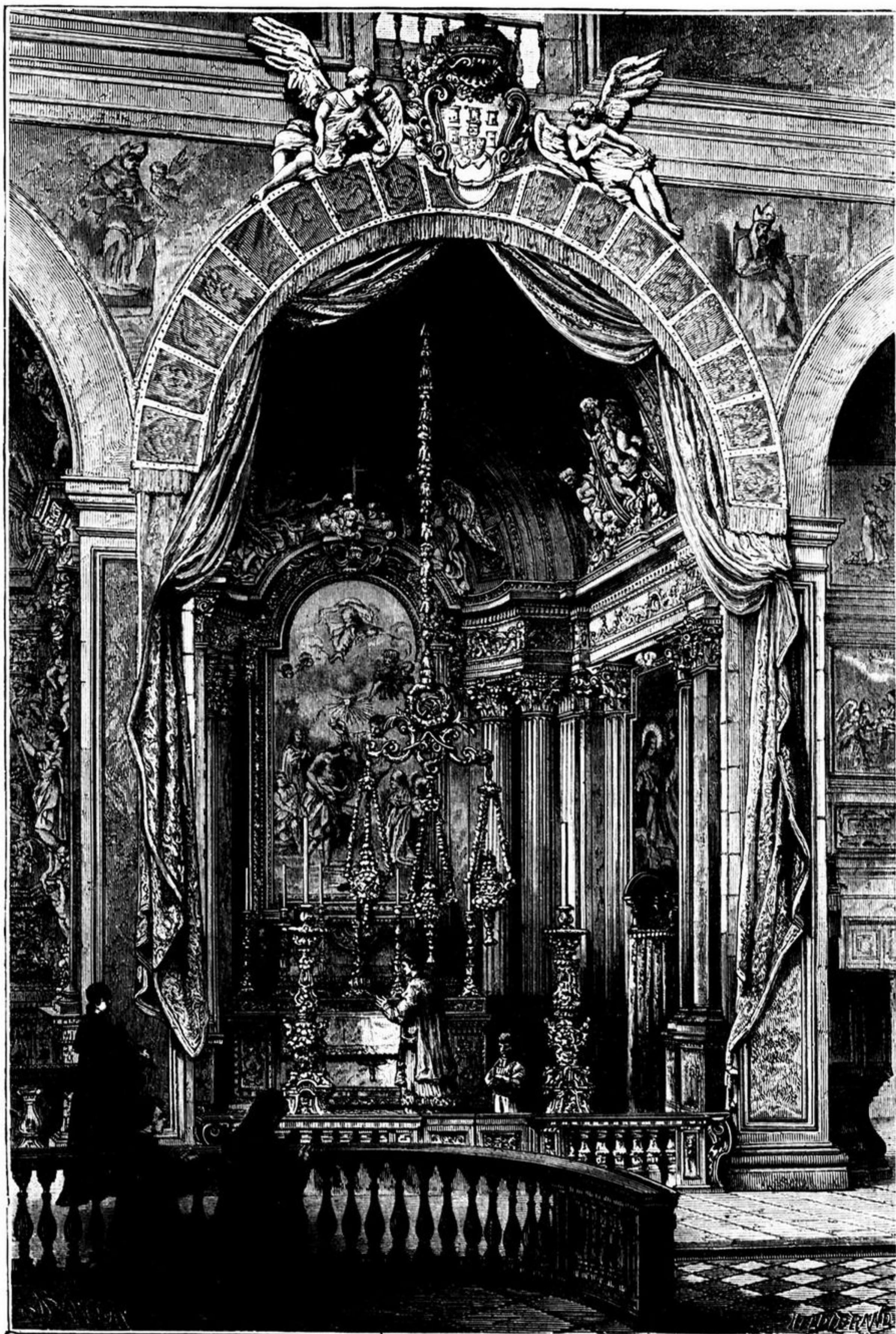
....

De repente, pareceu-lhe ouvir resoar no espaço a trompa funebre.

Sentiu uma dôr aguda no coração, e sentiu ao mesmo tempo o impetuoso e inadiavel desejo de rever-se nos olhos azues de Maria.

Uma voz, melodiosa como um cantico, acariciou-lhe o ouvido: era ella!

O doutor, risonho, palpitante de insofrida ternura, ingenuo e namorado como um collegial, approximou-se nos bicos dos pés, fantasiando uma surpreza.

Maria estava assentada no caramanchão, ao lado do cocheiro do pae, e com a sua voz de crystal, dizia-lhe:

CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA, NA EGREJA DE S. ROQUE

—Meu amor, tem paciencia. Tu bem sabes que eu não gosto senão de ti.

....

—Ora agora, minhas senhoras e meus senhores, acrescentou Paulo, dando uma gargalhada sardonica que passou na sombra mysteriosa do cair da tarde, como a fria scintillação de um punhal, saibam que o doutor... sou eu!

GUIOMAR TORREZÃO.

ENTRE RUINAS

Quero sonhar, quero sonhar comtigo,
ó pomba d'alvas plumas!... Quero ver
se em teu seio de neve encontro abrigo
da dôr estranha que me faz soffrer.

Meu triste coração, triste jazigo
das illusões que vi emmurchecer,
tem o silencio d'um castello antigo
quando ao longe começa a anoitecer!...

Mas como a lenda, amante das ruinas,
faz passar as visões mais crystallinas
na arcada do castello já desfeito,

quero sonhar!... E' lenda este meu sonho
que faz passar o teu perfil risonho
nas sombrias ruinas do meu peito!

JOÃO JARDIM.

EM VILLEGIATURA

(CONCLUSÃO)

Em baixo, na sala de jantar, o conselheiro dormitava estendido n'uma *chaise-longue*. O Murtosa lia um jornal, quando foi interrompido pela chegada das duas primas.

—Ah! ah!... Ahi temos as nossas fugitivas!... exclamou o conselheiro, despertando bruscamente. Mas espera... a Laura parece outra!... Vem cá, minha filha!... Então mudaram os ventos?!...

E assentou a sobrinha nos joelhos.

Eva acercara-se do commendador e fallava-lhe ao ouvido.

—Vamos lá, minha Laurita... estou com curiosidade de saber as coisinhas que se tramaram lá em cima!... Teremos a registrar mais alguma peça d'aquella endemoninhada?!... Não?... Então volto á minha primeira idea! Houve conspiraçãosinha... segredinhos... alguma cousa de extraordinario!... Está bom... olha que me dás cabo da suissa!...

- Eh! eh! eh!... Como esta traquinas atinou com o *busilis*... Eu tambem já desconfiava de que havia mouro na costa!... Mas quem é que iria adivinhar!...

—O tiosinho é que deixa adivinhar tudo... silencio!...

E a encantadora Eva punha a mãosinha quasi que imperceptivel nos labios do Murtosa, que olhava desvanecido para a filha.

* * *

Passados dias, o visconde Alberto lia em Genebra a seguinte carta:

«Querido Visconde

O senhor descria da Providencia e a Providencia vem agora demonstrar quanto o seu scepticismo era injusto! Sei que ama apaixonadamente minha filha, que por sua parte lhe corresponde com egual affecto, a ponto de que só se julgará feliz quando possa chamar-lhe esposo. Imagine a anciedade com que sua noiva o aguarda, e a satisfação e enthusiasmo com que o receberá nos braços aquelle que desde já se considera

Seu muito affectuoso pae,
Murtosa»

Calcule-se os gratissimos perfumes que esta preciosa missiva foi espalhar na alma do solitario visconde!...

* * *

Como o leitor comprehendeu, Eva confiara ao commendador o amor intenso que os dois jovens sentiam um pelo outro, sem que até então se tivessem adivinhado. A formosa creança entendia que o casamento faria a felicidade de Laura e Alberto, e bondosa como era, diligenciou logo approximar esse dia venturoso, aproveitando-se da sua influencia junto do Murtosa, que a adorava. Este, como é de suppor, acolheu a declaração com o sorriso nos labios.

Alberto era um bello rapaz, possuidor de um titulo e de uma fortuna... Que melhor noivo poderia encontrar para sua filha?...

Além d'isso, Laura amava-o com toda a candura das suas vinte primaveras. Aquelle consorcio realisaria os seus bellos sonhos de donzella, e os seus labios voltariam a sorrir, como outr'ora: —um sorriso de anjo que poria na sua fronte adoravel os castos effluvios de uma luz celestial.

Ficavam satisfeitas as conveniencias e o amor paternal.

Sem nenhuma hesitação escreveu a carta que pozemos defronte dos nossos leitores e que devia chamar á vida o mortal que a maldizia!

* * *

Em casa do commendador Murtosa. Lá estão todos os nossos personagens reunidos no terraço

O conselheiro, com um oculo de alcance, examina um ponto do horizonte; o commendador revê-se na felicidade da filha, com o que muito ganha o seu bom humor; Eva, vôa d'este para aquelle, n'uma desenvoltura de *colibri*, animando todos, fazendo despontar o sorriso em todos os labios com o seu dizer engraçado; Carlos está pensativo. E' a unica pessoa que não sabe para que está ali. Mostrar-se-ia resentido sabendo que lhe tinham devassado o cofre, mas na presença do visconde não se lembraria de tal. E foi esta idéa que resolveu Eva a guardar segredo até á ultima.

Laura anciosa, palpitante, inquieta, interroga um ponto longiquo da estrada, com os olhos onde se lê a incerteza.

Evidentemente esperava alguem. E quem poderia ser esse alguem senão o homem que tivera a habilidade de fazer brotar n'aquelle coraçãozinho virgem a scentelha do amor?...

E se elle não viesse!... Se tivessse sobrevindo algum os aculo imprevisto, alguma difficuldade occasional?...

Terrivel pensamento que obrigava Laura a desfitar o cotovello da estrada e a volver para o pae a fronte radiosa onde ardia a febre da duvida. Tal era a situação dos nossos personagens quando algumas palavras do conselheiro vieram mudar a attenção de todos para o ponto que elle visava com o oculo.

—Distingo lá ao longe um vulto que se approxima d'estes sitios!... E é cavalleiro, com toda certeza!...

Todos se acercaram vivamente do pae de Eva, e particularmente Laura, que logo se ruborisou.

A joven, apertando com effusão o braço do tio, perguntou-lhe com voz tremula:

—Será elle?... Oh! diga-me que é!...

—Não sei, filha; por emquanto não posso affirmar.

Mas o cavalleiro approximava-se velozmente, e dentro em pouco estava ao alcance de todas as vistas.

Por fim, o conselheiro exclamou em tom enthusiastico:

—E' elle! é elle!... Conheço-o!... Por aquelle caminhar dentro de dois minutos tel-o-hemos nos braços!...

Todos, á excepção de Carlos, que nada comprehendia do que se passava, soltaram um grito de prazer; Laura empallideceu de contentamento.

Emfim... já nada tinha a receiar!...

—Mas afinal por quem esperam?... dizia Carlos.

E ninguem lhe respondia, porque todos acenavam com os lenços ao cavalleiro que galopava na direcção da *villa!*

* * *

Minutos depois, Alberto, o sceptico, o naufrago da vida, que ha pouco gemia acabrunhado pela solidão, sentia-se reviver no seio de uma nova familia, que lhe estendia os braços acariciadores.

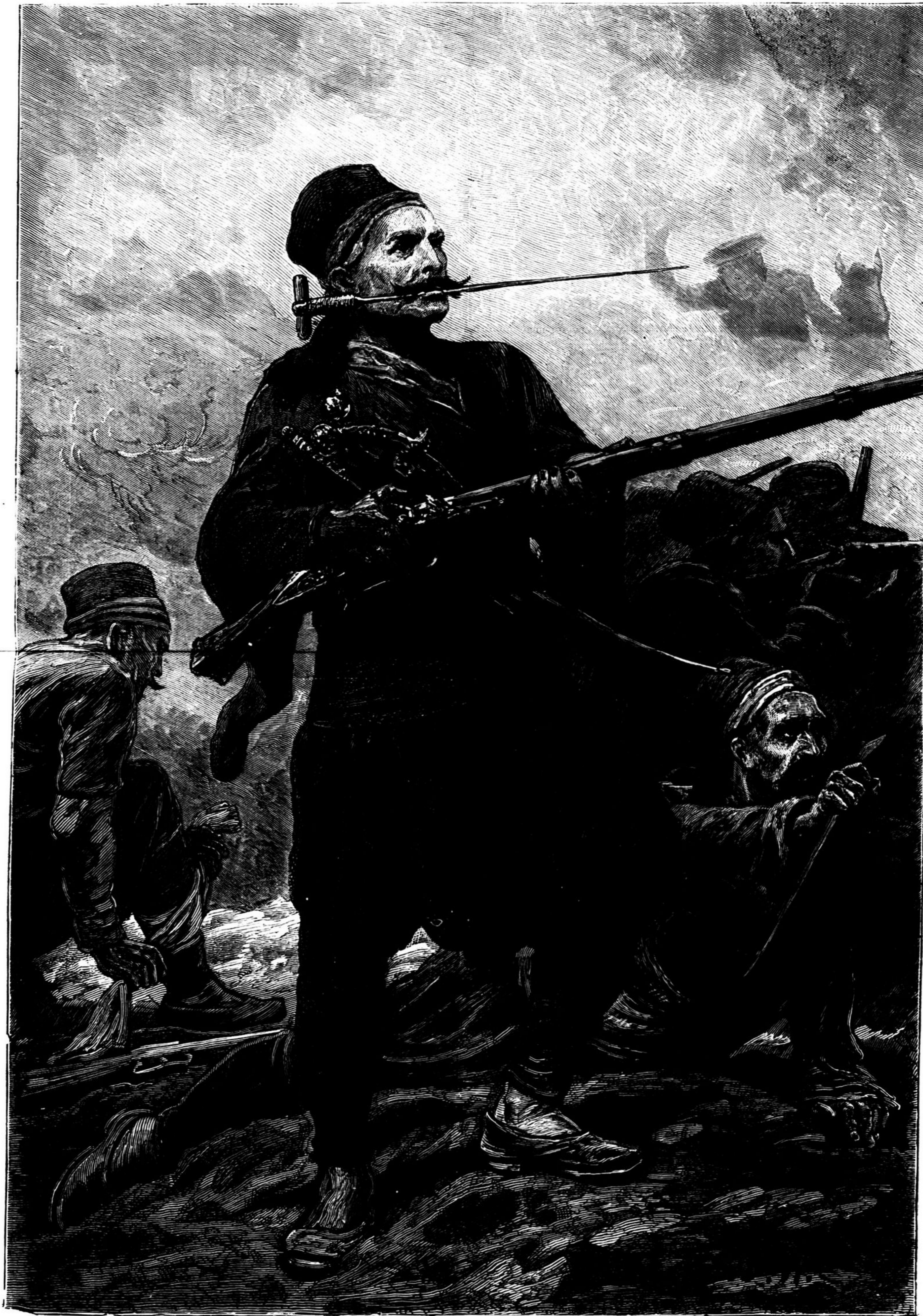
Depois, ao cruzar com Laura o seu primeiro olhar de amor, affluiam-lhe ao rosto devastado pelo fel da amargura as ondas quentes de um sangue novo, puro, vivificant e; oseu coração, que a dôr e o scepticismo gelára, pulsava-lhe agora, ardente e desaffogado, envolvido no calor benefico de um sentimento nobilissimo.

Os dois jovens comprehendiam-se finalmente!...

Enviavam ao céo os seus olhares replectos de gratidão e volviam-n'os depois, ternos e risonhos, para a creança affavel a cuja curiosidade deviam a sua ventura!...

Blindado nos laços da familia e do amor, Alberto considerava-se agora bastante forte e corajoso para viver um seculo!...

* * *

Um mez depois, o campanario da freguezia repicava alegremente, e os camponios, com seus trages de festa, agglomeravam-se

BACHI-BUZUKS ACOSSADOS PELOS RUSSOS

no modesto adro do presbyterio, para verem passar os sympathicos noivos.

Quanto á nossa querida Eva, quando ás vezes o conselheiro, receioso de que a filha já tivesse escolhido alguem, lhe fallava de casamento, assim como quem não quer a cousa, ella respondia-lhe sempre:

—Ora para que vem agora isso!... Não vivo eu deliciosamente com o papá?!... Mais tarde... quando estiver esquecida da cara com que se nos apresentava a senhora viscondessa, antes de me occorrer a luminosa idéa d'ir visitar o famoso cofre de Carlos!...

DUARTE CID.

CREPUSCULO

Cae do poente a cinta rutilante,
Empallidece o azul do firmamento;
Nas comas da deveza expira o vento
E um fumo do casal sae vacillante.

Além, pela collina verdejante
Onde ora a nevoa estende um veu cinzento,
Vae deslisando o vulto esguio e lento
D'um rebanho, que ao lar volta distante.

Os juncos dobram suas hastes finas,
E grasna a rã na múrmura corrente
Do regato das aguas crystallinas.

No espaço alveja a prata do crescente,
E atravez do silencio das campinas
Cantam os ralos surda e vagamente...

JOAQUIM RIBEIRO.

AS NOSSAS GRAVURAS

O REI D. AFFONSO XII E A RAINHA REGENTE DE HESPANHA, D. CHRISTINA

Resolvidos a dar, de quando em quando, gravuras d'actualidade, para satisfazer o desejo de muitos dos nossos assignantes, julgamos apropositado honrar as paginas da *Illustração Portugueza*, no presente numero, com os retratos do desditoso Affonso XII, de Hespanha, e de sua augusta viuva, a rainha regente, D. Maria Christina.

Não faremos n'este logar a biographia do joven monarcha que se escondeu para sempre no pantheon do Escurial, nem a da desventurada rainha, que hoje chora lagrimas amarissimas sobre o cadaver frio e decomposto do escolhido do seu coração.

O nosso semanario, pela exiguidade das suas dimensões, não comporta longas biographias: limita-se a registrar os nomes illustres dos altos personagens que morrem, consagrando-lhes uma saudade, e a lamentar os grandes infortunios dos que ficam, viuvos ou orphãos, rendendo-lhes uma homenagem de respeito acrisolado e de sentimento profundissimo.

*

D. Affonso XII, o sympathico monarcha hespanhol que acaba de fallecer no Pardo, nascera a 28 de novembro de 1857, e desposára, em 29 de novembro de 1879, a princeza D. Maria Christina Desejada Henriqueta Felicidade Renier, filha dos archiduques Carlos Fernandes, d'Austria, e Isabel Francisca Maria.

A actual rainha regente nasceu a 21 de julho de 1858. Conta, portanto, 27 annos.

O ceu a proteja nos lutos da sua viuvez prematura e lhe dê forças para supportar o pezo do seu manto d'arminhos, até á maioridade d'aquella que está destinada a ser um dia rainha de Hespanha!

CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA, NA EGREJA DE S. ROQUE

Esta sumptuosa capella foi mandada construir em Roma por D. João V, o rei freiratico, que tinha caprichos caros, e que contava, para os realisar, com as minas de oiro e diamantes do Brazil.

Construiu-se esta obra grandiosa segundo o risco do architecto Vanvitelli, e custou á nação mais de 800 contos de réis.

Quando o papa Benedicto XIV teve noticia de que a capella estava concluida, mandou armal-a até á cimalha real, dentro da Basilica de S. Pedro, em Roma, e depois de se proceder á ceremonia da sagração, disse n'ella a primeira missa, para obsequiar o rei portuguez.

D. João V, que nunca se deixou ficar atraz nos certames da cortesia ou da generosidade, enviou pouco depois ao Summo Pontifice, como *esmola* d'aquella missa, um calix de oiro de primoroso lavor, cravejado de diamantes, no valor de 40:000$000 réis.

Infelizmente, o magnanimo rei não teve o gosto de ver o santo do seu nome honrado com tão sumptuosa capella.

Chegando a Lisboa em 1748, quando D. João V se achava gravemente enfermo da doença que o levou á sepultura, falleceu o monarcha durante os trabalhos da collocação. Concluida no reinado de D. José, foi inaugurada a 13 de janeiro de 1751.

A capella reune aos primores da arte, que a distinguem e tornam digna do ser admirada, a opulencia dos materiaes. O arco da capella é de *colorinda*, tendo sobre o fecho o escudo das armas reaes sustentado por dois anjos esculpidos em *alabastro*. As portas são de bronze lavrado e arrendado. As paredes são de marmore preto, de *alabastro* e de *jaldo antiquo*. A cimalha é tambem de *jaldo antiquo* com delicadas guarnições de bronze rendilhado. A abobada é da mesma pedra e de *verde antiquo*, com bellos ornatos de jaspe.

O retabulo é um grande quadro de magnifico mosaico, emmoldurado em *porfido*, com esculpturas de bronze. Representa o Baptista, ministrando o baptismo a Christo, no Jordão. Os quadros lateraes, tambem de mosaico, representam a *Annunciação* e a *Descida do Espirito Santo*.

O retabulo está entre oito columnas de *lapis-lazuli*, com capiteis de bronze doirado e bases d'alabastro e *jaldo antiquo*. As paredes, por detraz d'estas columnas, são de *alabastro* e *amethistas*. O degráo em que poisam a cruz e os castiçaes é de *cornalina* e bronze doirado. A altar é todo de jaspe. O pavimento da capella é de *porfido* e de *mosaico*.

BACHI-BUZUKS ACOSSADOS PELOS RUSSOS

A nossa gravura representa um episodio da penultima guerra que ha oito annos se travou no Oriente, entre turcos e russos.

O nome bachi-buzuk é composto de duas palavras turcas: *bachi*, cabeça, e *buzuk*, doida, má cabeça.

Quando um turco não sabe o que hade fazer de si, pega na espingarda e monta a cavallo; se não tem cavallo vae roubal-o, e está feito *bachi-buzuk*. Em tempos de paz, o *bachi-buzuk* é o odio ao christão incarnado no homem; o seu officio é viver á custa do desgraçado raya, como companheiro inseparavel dor ecebedor d'impostos. Se uma aldeia é rica, paga para se ver livre d'este hospede incommodo; se é pobre, é saqueada com o pretexto de se cobrarem os impostos. Todos os vagabundos do imperio são *bachi-buzuks*, e acontece muitas vezes que o proprio governo é molestado por estas quadrilhas, que praticam o roubo a descoberto, organisando-se sem lhe darem parte.

Em tempo de guerra, os *bachi-buzuks* deveriam representar o papel da cavallaria irregular dos outros paizes, dos cossacos, por exemplo. Nenhuma comparação, porém, se póde fazer entre os arrojadas exploradores russos e estes bandidos

Como cada um se veste e se arma conforme póde, ou antes segundo o vestuario e as armas que póde roubar, um batalhão de *bachi-buzuks* apresenta um aspecto variadissimo de trajos e typos. Estas levas de voluntarios são fornecidas principalmente pelas raças cuja submissão á Porta não é tão completa quanto se poderia desejar, para que fosse possivel recrutar entre ellas os contingentes do exercito regular. A maioria compõe-se de Arabes, Syriacos, Albanezes, Kurdes, Tcherkesses e Pomaks (Bulgaros musulmanos.) No entanto, ha n'esta fileira um typo que predomina, é o do homem magro, de pernas nervosas, de calção muito largo e polainas altas, jaleco grego apertado na cintura por uma cinta de lã, e cabeça coberta por um barrete alto ou por um turbante enorme, cujo tamanho dá a medida do zelo das suas convicções religiosas. Um arsenal de facas de todas as dimensões e pistolas de todos os feitios, presas á cintura, completa pittorescamente esta physionomia de salteador.

Este heroe do assasinio, do roubo, e da rapina só é bravo quando trata de defender a pelle e não póde fugir para a salvar. Toda a sua estrategia consiste em pôr-se de embuscada. D'ali espia o inimigo e dispára sobre elle, se está certo de que é mais fraco e menor em numero. Feroz e carniceiro, se consegue matal-o cae-lhe em cima para lhe cortar a caçeça, e despojal-o até ao ultimo botão. E' tão implacavel e inveterado o odio que tem ao christão, que ainda depois de cadaver, mostra na physionomia a expressão de rancor e de raiva concentrada, que a morte não poude debellar.

ERNESTO ROSSI

Publicamos hoje o seu retrato como o de uma grande gloria dramatica da Italia, gloria por todos nós sobejamente conhecida e ruidosamente festejada, em 1868, no theatro do Principe Real, e mais tarde, em 1883, no Gymnasio, onde o famoso interprete de Shakespeare, segundo as suas proprias palavras, nos veio dizer o ultimo adeus, por se sentir cansado e velho.

N'um artigo ácerca de Ernesto Rossi, consagrou Julio Cezar Machado ao grande tragico italiano estas palavras, que valem uma biographia inteira:

«Nunca o nosso publico ouviu linguagem tão clara, nem vio actor que abrisse mais de par em par a celebrada janella que deita para a alma.»

E assim é, com effeito.

No *Othello* ou no *Kean*, no *Romeu e Jullieta* ou no *Hamlet*, Rossi arrebatava-nos e commovia-nos, como ainda nenhum outro actor nosso ou estrangeiro soube arrebatar-nos e commover-nos.

E' que Ernesto Rossi era mais de que um artista: era um genio, e os genios são raros.

MULHER D'AVINTES

O principal caracteristico das mulheres das immediações do Porto é a formosura. A riqueza dos seus enfeites, quasi todos de ouro massiço, e com que se carregam por occasião d'arraiaes e festas, é uma consequencia da sua constante actividade no trabalho, e do instincto da economia, que é a base da moral popular, e onde o sentimento esthetico se confunde rudimentarmente com um pensamento de utilidade.

Varios pintores portuguezes teem enobrecido o seu pincel com alguns quadros representando os typos dos arredores do Porto, sobre tudo da Maia, Mortosa e Avintes. O desenho que hoje damos, devido ao lapis de Columbano Bordallo Pinheiro, embora lhe falte a vivacidade da côr, conserva o lado mais impressionavel dos typos femininos d'aquellas regiões,—a belleza surprehendente. E' por ella que o desenho de Columbano nos impressiona, e comtudo não é uma physionomia escolhida de proposito, mas uma cara vulgar, commum entre o povo.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

Mulher, és generosa e obra prima!—3—[illegible].

MARIETTA.

E' tempo esta medida e mede—2—2.
Abre-se e fecha-se nas festas este militar—2—3.

ROBINSON.

E' grande no convento e come-se—1—2.
O cavallo é parente d'esta arma—2—2.

Porto. JOAQUIM BERNARDO PINHEIRO.

Em nosso proveito esta immundicie é de mais—1—2.
N'este sitio coisa nenhuma é medida—1—2.
O peixe zombava da *arma*—3—2.

J. A. D.

EM VERSO

Sou parte d'uma feição.—2
Sou ave bem conhecida.—2
E' de muitos procurada
Se o calor a isso obriga.

—

Sujeito mui conhecido
Este sobrenome tinha,—2
E este nome de mulher,
Que no livro antigo vinha—2
Que linda flor! Quem me dera,
Quem me dera fosse minha!

—

E' elle que lhe dá vida,—1
E' elle que a faz corar;—2
E' elle que docemente
Lhe acompanha o recitar.

—

Damninha por natureza,—2
Nunca tenho companhia.—1
Com azas, sendo quadrupede,
Me pintou a fanthasia.

MARIETTA.

(AO HABIL CHARADISTA, E. PANCADA)

Tenho em casa uma priminha,
Bella, risonha, gentil,
A quem eu dispenso affectos,
E caricias mais de mil.

A' dias, uni os labios
A' sua face rosada;
Mas a ingrata deu-me logo
Prima parte da charada!—3.

E, d'esta acção tão cruel,
—Veja que caso tão raro—
Fez por *troça*, inda a segunda,
Tudo com grande descaro!—2.

Mas, céus! eu, de raiva fulo,
A' priminha a prima dei
Tantas vezes repetida,
Que chamando-a assim fiquei!

Vizeu. PEQUENO ANTONINHO

Vi-o, n'um baile,
polkar lindamente
Ligeiro, veloz,
alegre, contente—1.

O baile findou,
a casa cheguei,
sosinho e tão triste,
que este soltei—3.

No dia seguinte
aqui fui parar,
e varios sujeitos
ouvi discursar.

J. A. MARQUES.

CHARADA MUSICAL

Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si,
Recolhe uma p'ra primeira—1
Mi, fá, sol, lá, si, dó, ré,
Faz d'aqui a derradeira—1.
Soltando a voz, mesmo só,
Lá direi, como poder,
Si, lá, sol, fá, mi, ré, dó.

Reguengos. J. A. MARQUES.

LOGOGRIPHO

Pode servir p'ra educar,—1—3—4.
Dando assim alivio ás dores:—1—3.
E com mais este pronome,—2—5.
Eis tudo prompto—Senhores!

Não valle a pena conceito,
Mas sempre vos vou dizer:
Que sem estes elementos
Não se podia escrever.

ROBINSON.

ADIVINHAS POPULARES

Minha mãe, que me creou,
Apenas me vê crescida,
Me lança fóra de si,
Mui pouco compadecida.

Quando me encontro com ella
Seus passos vou atalhar
E, com as boccas que tenho,
Faço por a segurar;

Mas não é por muito tempo
Que a sua prisão lhe dura,
Porque me apertam as boccas
Até que lhe dê soltura.

Sou de quatro divisões,
Sustenta-me uma columna;
Tenho alguma similhança
Com a roda da fortuna;

Que lhe não faça paradas
Meus donos de mim pretendem;

E quando querem que corra,
Com uma cinta me prendem;

Mas sem eu ser curiosa,
Chocalheira, intromettida,
Não me livro de me vêr
N'alguns enredos mettida.

PROBLEMA

No systemo denominado *binario* escrevem-se todos os numeros apenas com os algarismos zero e um. Para isso convenciona-se que um algarismo escripto á esquerda de outro tenha um valor duas vezes maior do que teria se estivesse no logar d'esse outro. N'este systema o numero 1101 representa pois 13.

ERNESTO ROSSI

Comprehendido o systema, escrevam-se pelo modo ordinario os 31 primeiros numeros em 5 columnas verticaes, de maneira que na primeira columna estejam os que no systema binario acabam em 1; na segunda, terceira, quarta e quinta, os que teem 1 em segundo, terceiro, quarto e quinto logar. Feito assim este quadro de numeros, apresente-se a uma pessoa; diga-se-lhe que pense n'um numero do quadro, e que declare quaes as columnas em que elle se acha. Adivinhar, sem vêr o quadro, qual é o numero pensado.

M. D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS NOVISSIMAS: — Larim—Salvador—Catalina—Merim — Martinha — Severino — Marina —Cravoilha—Galocha—Massapão—Ruivaca.

DAS CHARADAS EM VERSO:—Napoleão—Operario.

DA CHARADA TRIANGULAR:

N o m e
o p a
m a
e

DAS ADIVINHAS POPULARES:—Vinho e vinagre—Piteira.

DA PERGUNTA ENIGMATICA :—Acó.
DOS LOGOGRIPHOS :—Junipero—Emerenciana.
DA CARTA-LOGOGRIPHO :—Pharmacia.
DO PROBLEMA : — Das condições do problema conclue-se que João joga o dobro de Pedro, e que Pedro joga o triplo de Francisco; logo, João é 6 vezes melhor jogador que Francisco, e por tanto, para regular o jogo com elle, deve fazer 24 carambolas em quanto Francisco faz 4, isto é, deve dar-lhe 20 de partido.

CURIOSIDADES

CHUVA D'ESTRELLAS— A DIRECÇÃO DOS BALÕES.—JORNAES PARA CEGOS.—TELEGRAPHO-AUTOGRAPHICO.

Em uma das ultimas noites de novembro contemplou-se no ceu um espectaculo surprehendente e curiosissimo. Parecia que as estrellas todas se moviam, em procura d'outro logar do firmamento onde podessem fixar-se. A's vezes afigurava-se-nos estar vendo uma verdadeira chuva d'estrellas, que se dirigia do ceu á terra.

Todos os noctambulos ficaram maravilhados e boquiabertos ante aquelle maravilhoso quadro.

D'onde sahiam tantas estrellas errantes e para onde caminhavam ellas, sempre tão tranquillas e immoveis?

O vulgo supersticioso, que costuma ligar estes phenomenos sideraes com os sentimentos que agitam o seu espirito, julgou vêr na *chuva das estrellas* a explicação de muitas desgraças recentes e o prenuncio de novos revezes futuros. Cada qual fazia um commentario e aventava um juizo.

Como o curioso phenomeno assombrasse muita gente, achamos opportuno inaugurar esta secção dizendo sobre elle algumas palavras explicativas.

O que Lisboa contemplou foi o que os metereologos chamam *chuva d'estrellas errantes.*

As estrellas errantes não são estrellas na verdadeira accepção astronomica da palavra; são corpos da mesma natureza que os bolidos e os aerolithos, produzidos pelo choque da terra e outros astros com corpusculos que circulam desordenadamente no espaço.

Ha temporadas do anno em que elles abundam mais, sendo a epoca culminante a segunda quinzena de novembro; tambem apresentam curta periodicidade em que a sua afluencia augmenta consideravelmente.

O estudo d'estes corpos não é muito antigo. D'antes julgava-se que eram estrellas como as outras, e que se achavam a muitos milhões de leguas.

As *estrellas errantes* movem-se quasi dentro da atmosphera terrestre. A altura em que se encontram varia entre 120 kilometros, no seu ponto culminante de apparição, e 80 kilometros no terminus da sua carreira. A sua velocidade é de 12 a 70 kilometros por segundo.

Foi Brandy quem primeiro as observou no seculo passado, em 2 de dezembro de 1798.

Em certa noite de novembro de 1799 Bonpland e Humboldt viram em Cumana uma verdadeira torrente das taes *estrellas.* Diz Bonpland que não havia n'aquella noite no ceu um espaço de tres metros livre de estrellas em movimento.

Até 1833 não se observaram de novo, em grande numero. O professor Olmsted contou, na noite de 13 de novembro d'aquelle anno, em New-Haren, 200:000.

Foi este professor quem as estudou e fixou a sua periodicidade, predizendo a repetição do phenomeno em 1867. Enganou-se n'um anno, pois que o phenomeno se repetio em 1866.

Em tempos normaes, são oito ou dez as estrellas errantes que se observam por hora durante o anno, menos em novembro, que o typo medio passa de cincoenta.

*

E' evidente que nos achamos proximos do dia em que será resolvido o problema da direcção dos balões, a julgar pelos satisfatorios ensaios, feitos com aquelle fim, em todos os paizes do mundo civilisado.

A ultima interessante noticia que encontramos sobre o assumpto, nos jornaes scientificos, faz referencia a um novo invento do general norte-americano, Thayet, o qual apresentou ao *Instituto do serviço militar* dos Estados Unidos um novo typo de aerostato, susceptivel de todo o genero de evoluções e de movimentos.

Um balão Tayet, de cem pés de diametro, poderá elevar e transportar pelos ares uma locomotiva.

O inventor d'este systema pretende tambem mover, por meio da electricidade, com uma velocidade de 115 kilometros por hora, balões ligados ao seu com arames eguaes aos que ordinariamente se usam para o telegrapho.

Até agora não conhecemos mais promenores sobre este progresso aerostatico, mas os que hoje damos já não são pouco curiosos.

*

Publicam-se actualmente em Paris dois jornaes para cegos. Um d'elles intitula-se o *Valentin Hauy.* Impresso em caracteres communs, este periodico é dedicado aos directores e professores dos estabelecimentos consagrados a cegos, aos paes das creanças que carecem do sentido da vista, e, finalmente, a todas as pessoas que se interessam pelos 10:000 cegos existentes em França.

O outro intitula-se *Louis Braille*; é impresso em relevo, pelo engenhoso systema do cego Luiz Braille; dedica-se exclusivamente aos cegos, e divide-se em duas partes. A primeira dá aos seus leitores digitaes todas as noticias e conselhos que podem ser-lhes uteis e que não encontrariam n'outro sitio. A segunda, intitulada *Supplemento luterario, scientifico e musical*, põe o cego instruido ao corrente do movimento intellectual e artistico, sem necesssidade de recorrer ao auxilio dos que teem vista.

O *Valentin Hauy* circula por todo o mundo. O *Louis Braille* só tem assignantes entre os cegos francezes e belgas, sendo tambem conhecido na Suissa, na Allemanha e no Canadá.

O director de ambas as publicações é um cego!

*

Não é de mais terminar esta secção com uma ligeira resenha do novo telegrapho autographico de Silvestre Denison, adoptado recentemente pela Companhia auto-telegraphica de New-York, e por meio do qual qualquer pessoa pode expedir o *fac simile* d'um telegramma.

Escreve-se o texto do despacho n'uma tira de cartão bronzeado, disposta sobre um cilindro que ha em um dos lados do apparelho. Feito isto, põe-se em movimento uma manivella, por meio da qual se dá passagem á corrente electrica. Esta põe em actividade uma agulha, que atravessa toda a cinta de cartão e que, por meio do arame transmissor, faz instantaneamente mover outra agulha similhante, que ha no apparelho da estação de chegada, a qual desenha, para assim dizer, as palavras n'uma outra tira de cartão revestida d'um preparado chimico. Os caracteres reproduzem-se assim, com uma exactidão maravilhosa.

O mechanismo, para funccionar, não exige a vigilancia de ninguem, por isso que é perfeitamente authomatico desde que a manivella se põe em movimento.

A possibilidade de transmittir o *fac-simile* dos telegrammas faz desapparecer não poucos inconvenientes, e facilita, por exemplo, as operações mercantis de certa importancia, offerecendo ao commerciante o meio de confrontar a authenticidade da assignatura da pessoa que expede o telegramma.

NAUTILUS.

UM CONSELHO POR SEMANA

FABRICAÇÃO DOMESTICA DO VINAGRE

Quasi toda a gente se illude, imaginando que o vinagre deve sair mais barato de que o vinho de pasto, porque é feito de vinho *estragado.* N'este ponto está o erro, que infelizmente redunda em grande prejuizo para a saude.

O bom vinagre deve ser feito de bom vinho; por isso, quando este azéda, obteria de certo melhor preço do que o que alcança ordinariamente, se não fossem as falsificações de toda a ordem, de que taberneiros e retalhistas usam, em manipulações illicitas, para darem pique artificial ao mixto de muita coisa que vendem, com o nome de vinagre. O peior, para a saude, de todos os ingredientes empregados, é, certamente, o acido sulfurico; e pouco é o vinagre que por ahi se vende isento d'este terrivel inimigo dos intestinos.

Todos deveriam, pois, possuir vinagreira caseira, e para esse fim basta dispôr de uma pequena quartola com a capacidade de 20 litros. Deita-se-lhe dentro 10 litros de bom vinagre de vinho, e será esta a porção chamada *mãe* do vinagre. Mette-se na quartola uma torneira de páu e conchega-se-lhe o batoque ao de leve. A' proporção que se tira vinagre para diversos fins, vae-se-lhe accrescentando quantidade de vinho egual á que se tirou: vinho branco, ou mesmo tinto, á falta d'aquelle. O essencial é que esse vinho contenha, pelo menos, 8 0|0 de alcool.

Isto é facil de fazer-se; e os que não se quizerem aproveitar da receita, incorrem em grave risco de deteriorar o interior, por negligencia propria, se não teem outro meio de se fornecer de vinagre legitimo de vinho.

A RIR

Um inimigo da erudição linguistica dizia:

—Não serve para nada saber muitas linguas. Eu, por exemplo, que só fallo hespanhol, fiz uma viagem com um russo e sua esposa, que não conheciam outra lingua além da sua, e entendemo-nos perfeitamente.

—Mas como?

—Ao homem fallei em negocios, e á mulher... em amor.

•

Entre uma menina de oito annos e sua mãe, que pretende persuadil-a de que as creanças se mandam vir de França:

—Ora! exclama a pequenita com ares de entendida, eu sei muito bem d'onde ellas veem.

—Sim? mas então d'onde?

—Veem das senhoras ..

—E quem te disse isso? pergunta a mãe, admirada.

—Foi a *Ave Maria,* mamã!

•

Nana conferenceia com a sua fregueza de espartilhos, e depois de varias hesitações fixa-se n'um, de novo modelo. Entretanto, manifesta um escrupulo.

—Não se gastará relativamente muito tempo em desapertar este collete? pergunta ella.

A vendedora, com um sorriso significativo:

—E' para dar tenpo a reflectir.

*

A sr.ª X..., essencialmente ciumenta, censurava seu marido por se ter demorado muito fóra de casa, a pretexto d'assistir ao enterro d'um velho amigo.

—Mas {que ha n'isso de extraordinario, replica o sr. X... com o maior sangue frio. E' preciso attender a que elle tinha 70 annos, e francamente, n'esta edade, não se póde andar muito depressa!

MINA, A CEIFEIRA

(DE CHARLES DESLYS)

I

Nos velhos tempos em que os genios e as fadas atormentavam e protegiam alternativamente os nossos avós, os pobres montanhezes da selvagem Ariége tinham por costume emigrar todos os annos, pelos meiados de agosto, e dirigirem-se em grandes bandos para o Norte, afim de irem colher alguns escudos ceifando as ricas cearas dos campos do Languedoc, do Limousin, do Berry, e sobre tudo a vastissima planicie de trigo que se chama Beauce.

Logo que chegava a favoravel estação durante a qual os braços faltam ao trabalho; logo que os ardores caniculares annunciavam a approximação da ceifa, logo que o sol désse o signal d'ella,—ouvia-se a rustica corneta soar alegremente, e via se descer dos cumes visinhos vestes brancas e saiotes encarnados, descer de todos os pontes para os vallesinhos, erriçadas de foices. Dizia-se então nos casaes e nas choupanas:

—Eis as andorinhas das cearas que se reunem, e que ámanhã vão partir.

Depois, quando todas estas andorinhas se achavam militarmente enfileiradas; quando o chefe da emigração já estava escolhido por uma especie de suffragio universal; quando algum velho cura, de cabellos brancos, acabava de abençoar os viajantes ajoelhados,—então elevava-se nos ares um grande grito, composto de duas ou tres mil vozes, que repetiam em côro:

—A'vante! Eia, ávante!

E harmoniosos instrumentos lançavam ao vento canções meridionaes. Os viajantes punham-se a caminho, descalços, durante a noite; de dia repousavam á sombra das arvores, e, pacifico exercito do trabalho, chegavam bem depressa ao campo de batalha, campo onde se ostentavam as papoulas eas margaritas.

Em quinze dias a campanha terminava; todos os combatentes voltavam para o seu paiz, e, na primeira collina natal, o chefe das cearas partilhava egualmente dos beneficios entre todos, desejava bom inverno a cada um, abdicava sem pezar a sua corôa, similhante á da Ceres antiga, e separavam-se despedindo-se até ao anno seguinte.

II

Ora, na época em que este conto começa (não me recordo bem d'ella, o que me penalisa bastante), a emigração parecia ser mais numerosa, e sobre tudo mais intelligentemente dirigida do que nos annos anteriores: é que os ceifeiros haviam tido o bom senso de escolherem por guia e por chefe a Daniel Arous, o mais bravo, o mais leal e o mais bello pastor de todo o paiz de Foix.

Já as familias tinham sido abençoadas pelo padre; já a symthia formava as fileiras no *plateau* geral; já a marcha nacional se elevava em alguns sons para o azul do firmamento, onde começava a subir um sol brilhantissimo.

Comtudo, ninguem se punha a caminho.

E' que sómente a Daniel Arous pertencia o direito de dar o signal da partida, e n'aquelle momento Daniel Arous, de pé, sobre um rochedo, com os negros cabellos soltos ao vento, olhando o horisonte, parecia aguardar alguem ou alguma coisa.

Emfim, e precisamente no caminho onde o seu olhar de aguia se fixava, appareceu uma rapariga, encantadora, *mignonne*, rosada, loura, com olhos azues, adoravel maravilha que passava no Meiodia por um presente dado pelas fadas aos seus afilhados.

Comtudo, Mina vinha chorando.

Porquê?

Seus velhos paes, que corriam atraz d'ella procurando retel-a, estavam ameaçados de ficarem sem o seu unico bem, a sua rustica cabana, se no fim de tres mezes não pagassem dez escudos a um implacavel crédor, ao sr. bailio em pessoa.

E Mina, cuja resolução de partir era acertadissima, a fim de ganhar os dez escudos, desesperava-se com o desespero dos autores dos seus dias.

E ainda não era tudo: o sr. bailio caminhava tambem atraz da loira rapariga, promettendo perdoar os dez escudos, mas com a condição de que ella seria sua esposa.

Ora, Mina tinha horror do sr. bailio.

Primeiro, porque o sr. bailio era velho, feio, gordo, mau, e sobretudo porque usava uma d'aquellas gigantescas cabelleiras de sacarrolhas, que poderia servir de espantalho aos passaros, quanto mais ás raparigas.

Segundo, porque Mina, a loura, amava em segredo o trigueiro Daniel Arous.

—Adeus, meu pae... adeus, minha mãe!...—disse ella logo que chegou junto dos seus futuros companheiros de viagem.

—Não... não!—soluçaram os dois velhos ao mesmo tempo —Não partirás, minha filha!...

—Assim é preciso...—respondeu Mina—E' necessario que dentro de tres mezes ganhe dez escudos, a fim de que não sejaes despojados da choupana que me viu nascer...

—Oh! que importa ficarmos sem abrigo?—articulou o pae— O que não queremos é perder-te, minha filha... Quem sabe se voltarás de tão perigosa viagem? se te tornaremos a vêr?...

—N'esse caso, que Mina fique, e que consinta em desposarme...—observou de repente a voz nasalada do terrivel bailio, que chegava emfim junto dos viajantes, suando por todos os póros, anhelante, escarlate, e de cabelleira a uma banda.- Que Mina seja minha esposa, e, longe de vos reduzir á miseria, faço-vos ricos e poderosos para sempre...

Interrompeu-se, vacillando nas grossas pernas, ancioso pela resposta da donzella.

—Antes quero morrer! — respondeu esta. — Antes morrer cem vezes proscripta e miseravel, do que viver opulenta e desgraçada!

—Desgraçada... tu! Nunca, minha Mina! - decidiu a mãe com um grito do coração.

—Nao penseis mais nos vossos projectos, sr. bailio...— observou a seu turno o pae, com um suspiro.

—Ah! vingar-me-hei!... — ululou o terrivel credor, dando um enorme murro na cabelleira.

—E' necessario, pois, que eu parta... —proseguiu Mina— Bem vêem que o sr. bailio é implacavel...

—Mas então irás só, sem um amigo para te proteger, para te defender?—exclamou a mãe.

A estas palavras, Daniel approximou-se.

—Não ignoraes que este anno sou o chefe das cearas... Mina póde vir sem receio...

—Obrigada! respondeu a loura joven, collocando a sua branca mão na robusta mão do pastor.

—Mas—replicou a mãe indecisa,—todos sabem que amaes minha filha, e como sois, ai de mim! ainda mais pobre do que nós...

—Juro—interrompeu vivamente Daniel Arous—juro restituir-vos Mina tal qual m'a entregaes, sem que uma palavra de amor sáia de meus labios... Empenho-me mesmo, como a sua parte na ceifa não chegará talvez a cinco escudos, empenho-me em lhe dar a minha, a fim de poder pagar ao sr. bailio, e isto sem reclamar de vós nem d'ella qualquer recompensa em troca. Juro-o pela minha honra de montanhez, e pelo sangue de Christo!

Não era permittido hesitar mais. Daniel jurára pela palavra do Evangelho.

Mina ajoelhou, para receber a benção de seus paes; em seguida, apoiou-sa radiante ao braço do chefe das cearas, e, logo

que uma alegre musica deu o signal da partida, todas as andorinhas tomaram o vôo para o Norte.

Os dois velhos subiram com esforço até ao mais alto cume, e, emquanto no ar existiu claridade, emquanto uma pallida luz não abandonou o horisonte, elles estiveram immoveis, com os olhos fixos no caminho por onde sua filha desapparecêra.

Depois, voltaram tristemente para a choupana.

III

No logar que os dois velhos acabavam de deixar, uma sombra enorme e arqueada rolou pela rocha, assimilhando-se a uma negra nuvem que a tempestade encobre.

Era o terrivel bailio que, sonhando sempre na loura andorinha, por entre os dois ou tres unicos dentes que tinha na bocca, sibillou:

—Ah! é a minha fortuna que eu darei por ti, gentil Mina... é a minha vida... é a minha alma!...

Apenas pronunciou estas ultimas palavras, ouviu-se uma estranha gargalhada resoar pelo rochedo.

O bailio a principio teve medo; mas depois, pensando que poderia muito bem ser algum duende que áquella hora errasse por ali, repetiu mais alto:

—Sim, venderia com prazer a minha alma, só para ser o esposo de Mina...

Ouviu se a mesma gargalhada estridente, incisiva, inferna

MULHER D'AVINTES

Menos aterrorisado que surpreso, o velho olhou para todos os lados, e não viu mais que um magro bode, cujos olhos scintillantes o contemplavam com astuta expressão.

Pela terceira vez o bailio renovou a sua odiosa conjuração.

O bode levantou-se immediatamente sobre as duas patas trazeiras, e tomou assim uma especie de fórma humana, mas conservando todavia os chifres na fronte e os pés fendidos.

—Acceito...—disse elle dardejando uma lingua inflammada para o bailio, que, sem se aterrorisar, começou a discutir os artigos da pacto.

Ficou combinado:

Que o diabo impederia que Mina, antes de tres mezes, voltasse para casa com os dez escudos;

(Era o que o bailio desejava, certo da victoria, e sem se vêr na necessidade de recorrer aos outros espiritos que se chamam officiaes de justiça.)

Que, se no fim de seis mezes, o bailio não fosse o esposo de Mina, o diabo viria agarral-o pelos cabellos a fim de o levar para o inferno.

Tudo isto foi escripto—porque em coisas infernaes os negocios fazem-se em regra—tudo isto foi escripto em caracteres negros, n'um pergaminho vermelho.

Em seguida, abrindo azas de morcego—o que é singular n'um bode—vôou pesadamente em seguimento dos ceifeiros.

Estes acabavam de parar no meio d'um grande bosque de sycomoros; o chefe presidia ao chamamento da tarde.

Longe de se inquietar com a falta de qualquer ceifeiro, Daniel, ao contrario, viu um a mais, desconhecido de todos, côxo e quasi idiota, que declarou chamar-se Satanac Diabolicous.

Já mal prevenidos a favor do estranho, os emigrantes, a este nome, recuaram aterrorisados. Mas Mina teve piedade do desgraçado, Daniel Arous recordou que Deus abençôa a hospitalidade, e Satanac Diabolicous foi admittido a partilhar da fortuna da empreza.

(Conclue.) D. IZABEL MARIA LOPES DE MENDONÇA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brasil	
Anno, 52 numeros....	2$080 réis.	Anno, 52 numeros..	10$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	1$040 »	6 mezes, 26 numeros	5$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	520 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	40 »		

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA